

III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2011.

Configuração cronotópica: pontuando relações entre a literatura e a psicologia.

Vieira, Nadja María.

Cita:

Vieira, Nadja María (2011). *Configuração cronotópica: pontuando relações entre a literatura e a psicologia*. III Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XVIII Jornadas de Investigación Séptimo Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-052/120>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eRwr/c07>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

CONFIGURAÇÃO CRONOTÓPICA: PONTUANDO RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E A PSICOLOGIA

Vieira, Nadja Maria
Universidade Federal de Alagoas. Brasil

RESUMEN

Neste ensaio defende-se o argumento de que a configuração cronotópica potencializa a obra literária para prover metáforas passíveis de ser aplicadas à vida real. Esse argumento apoiou-se nas declarações de Bakhtin que destacou a experiência da unidade espaço-tempo como base tanto para a organização de processos psicológicos de personagens no enredo quanto para o desenvolvimento das culturas humanas. Para explorar essas ideias, desenvolveu-se uma análise da configuração cronotópica do Livro do desassossego de Fernando Pessoa. A partir da análise de trechos desse livro foi revelado que o conflito existencial do autor-personagem, expresso através de recorrentes neologismos e confronto de situações antagônicas, clamando por uma experiência de totalidade representada no persistente posicionamento self nas fronteiras, não seria compreendido, não fosse capturada a sua experiência cronotópica. Através de diferentes exemplos, foi demonstrada que comportar a experiência de conflito na unidade espaço-tempo foi o recurso necessário para assegurar, por um lado, a significação das ideias do autor-personagem, e por outro, possibilitar que o leitor construa analogias entre a obra e sua própria vida. Essas observações levantaram uma expectativa acerca da apropriação da concepção do cronótopo como recurso metodológico na pesquisa em psicologia, para uma análise também da narratividade emergente fora do contexto da literatura.

Palabras clave

Literatura Cronótopo Narratividade

ABSTRACT

CHRONOTOPE: POINTING THE RELATIONSHIPS BETWEEN THE LITERATURE AND PSYCHOLOGY

In this essay we argued that the chronotope enables the literary with metaphors that could be applied to real life. This argument recalls the statements of Bakhtin about the experience of the unit space-time as the basis both for the organization of human psychological processes and for the development of human cultures. In order to explore these statements, we developed an analysis of the chronotopes of the some sections of the book by Fernando Pessoa. The book was the "livro do Desassossego". From this analysis we highlighted the existential conflict of the author-character that was expressed through recurrent clash of neologisms and antagonistic

situations. The author-character called for an experience of wholeness. The persistence of self in the position of borders was that signal. Through different examples, was demonstrated that the experience of conflict placed in the unit space-time was necessary to ensure the meaning of the author-character and, moreover, to improve the reader's attention to construct analogies between the literature event and his real life. These observations led to the expectation about the appropriation of the chronotope concept as a methodological tool in the psychology research. This concept could improve the analysis of the emerging narrative also outside the context of literature.

Key words

Literature Chronotope Narrativity

Estudiosos e apreciadores referenciam um poder de encantamento exercido pela literatura. Neste ensaio, tem-se como propósito explorar explicações que fundamentem por um lado, as razões para literatura construir argumentos psicológicos para o seus enredos e personagens, e por outro, para a psicologia, na sua história e nos seus procedimentos analíticos, remeter-se a dinâmica de mitos e processos discutidos na literatura artística.

O caminho para essa exploração é a análise do impacto que a literatura pode ter no âmbito da psicologia, seja por sua diversidade de sentidos, seja por sua capacidade de gerar conflitos e soluções na vida das pessoas. Isto porque, a Psicologia, na sua história e nas suas práticas, tem usufruído de mitos da literatura para explicar para processos psicológicos humanos.

Por outro lado, a ciência Psicologia faz-se presente na literatura moldando enredos e veiculando uma visão de mundo de determinada sociedade ou sujeito. Por exemplo, no romance *O Alienista*, o autor brasileiro Machado de Assis, faz referência ao conhecimento psiquiátrico nocivo quando levado à caricatura pelo médico "louco"; ou seja, há neste livro a exemplificação da visão científica de um fato com uma crítica social do mesmo. A presença da ciência na arte da literatura também é conferida, quando se aborda o tema do suicídio. Com este tema, a conexão entre realidade e fantasia emergente na literatura teve grande expressão. Considerem-se ocorrências de suicídios reais, por exemplo, como consequência da identificação com personagens fictícios. A lite-

ratura se mostra ainda mais real e concreta nestes casos, quando motiva na vida das pessoas uma tomada de decisão.

O presente estudo busca explicações para o processo criativo compreendendo-se este como movimento de produção de sentidos na cultura. Não se defende aqui, no entanto, que a arte reflete a vida, nem a que vida copia a arte, como metáforas mutuamente excludentes, mas como um caminho conjunto, por meio da produção de sentidos; seja gerando conflito ou soluções para a história cultural. Nessa perspectiva, a relação autor/obra/ato/leitor na arte é tratada como um ato estético de reflexão social, onde se imprime a experiência humana do tempo e do espaço.

Para abordar esse processo assumem-se neste ensaio as ideias de Bakhtin (2003; 2006) acerca do *cronótopo*. Investe-se com este ensaio na construção de argumentos que denotem o potencial da literatura para prover metáforas aplicáveis à vida real como atributo da dinâmica cronotópica. Sugere-se que o cronótopo pode ser a base para o leitor emocionar-se e atualizar a obra através da reorganização da linguagem. Note-se que nesse processo de reorganização é improvável traçar limites entre a linguagem da obra e do leitor.

Na condução desse investimento apresenta-se aqui, de início, um recorte de revisão bibliográfica voltada para retrospectiva histórica da análise do cronótopo na literatura. Posteriormente, com um caráter de estudo exploratório, desenvolve-se uma análise da experiência cronotópica do escritor português, Fernando Pessoa, a partir de sua obra, "*O Livro do Desassossego*". As discussões desenvolvidas neste ensaio, através do resgate de referências bibliográficas que focalizam a concepção de cronótopo têm o objetivo de demonstrar como a experiência de espaço-tempo organiza os processos psicológicos.

Cronótopo: A Experiência Humana da Unidade Espaço-Tempo na Literatura

A contemplação de uma obra literária pode revelar sua capacidade de impressionar e fantasiar. Todavia, um fio condutor que abarque essa capacidade numa análise literária é, certamente, pouco plausível. Bakhtin (2001) refere-se a essa capacidade declarando que a obra literária é o que há de mais concreto na fantasia humana. Em sua opinião, para apreensão dessa dimensão ampliada da literatura é necessário ultrapassar conteúdos textuais. Esta dimensão ampliada se revela, de acordo com Bakhtin (2006), no modo como os espaços se relacionam com determinado tempo e proporcionam uma forma de compreensão da história da humanidade. Entender as relações entre espaço-tempo na literatura é também tentar compreender as formas de organização dos processos psicológicos em determinados lugares e momentos.

Bakhtin (2008) nomeou a composição de significados historicamente construídos que refletem a relação entre espaço e tempo de *cronótopo*. Como ele mesmo afirmou no texto *The Dialogic Imagination* (2008) esse con-

ceito já teria sido usado em outras ciências, especialmente na física. A unidade lógica chamada evento seria para os físicos relativistas justamente a unidade de análise do tempo enquanto dimensão do espaço. Cronótopo diz respeito à relação indissociável entre espaço-tempo na vida humana e seu uso na matemática pode servir como metáfora para a inseparabilidade entre tempo e espaço. O tempo é 4ª dimensão do espaço (Bakhtin, 2008, p.84). Através dessa reflexão, Bakhtin afirmou que cronótopo é uma formalidade constitutiva que define os rumos da trama na literatura (ibid., p. 84). Para explicar esse processo Bakhtin (2006) investigou os diários de viagem de Goethe à Itália. Nessa investigação, ele observou que Goethe, além de relatar seus destinos nos seus diários, também fazia reflexões sobre os lugares que passou. Nessas reflexões Bakhtin observou a experiência do espaço-tempo como uma dimensão necessária para compreensão da vida humana. Por exemplo, Goethe falava dos aquedutos romanos com bastante entusiasmo, lembrando de épocas passadas e o quanto ele se comovia ao se dar conta da grandiosidade histórica e singular daquela construção. Bakhtin (2006) concebeu que a ideia de construção ali disposta era na verdade um marco histórico da relação espaço-tempo da cultura do lugar e da produção da cultura humana. As histórias que se sucederam em decorrência da existência concreta daquela edificação e o tempo no qual aconteceu caracterizaram uma relação intrínseca entre a história do lugar e a história da humanidade.

Holquist (1994) observou que o acompanhamento do percurso lógico e dos demonstrativos que Bakhtin fez para justificar seus postulados, parecerá aos olhos mais atentos que ele traçou a evolução da literatura em comparação à evolução biológica dos seres, sem nunca concretamente ter feito essa afirmação. No pensamento de Bakhtin, já nos primórdios da literatura o cronótopo tem lugar de destaque, e talvez, protagonismo na caracterização das obras em sua apreciação histórica. A ideia soa como uma evolução da história da consciência humana concretizada na literatura, na transformação da experiência da relação tempo-espaço, presentes já no romance da Grécia antiga até as tramas autobiográficas (Holquist, 1994, p. 129).

De fato, os antigos romances gregos, em especial, os romances gregos de aventura são objeto de análise Bakhtin (2008), no seu percurso para significação do cronótopo na caracterização desses estilos literários. Nesses romances, a trama é simples com uma fórmula ainda usada atualmente: um evento interrompe um objetivo que está para acontecer (um casamento, por exemplo); a trama se lança na busca obstinada do noivo em recuperar sua noiva, tendo de lutar contra monstros e catástrofes naturais, até que possam casar novamente. Holquist (1994, p. 109) comenta que a trama segue a linha "garoto encontra garota, perde garota, busca garota". Não há passagem de tempo e a distância não é problema; isto é, não se considera distância até o outro reino, nem o tempo que levaria para o desloca-

mento dessa distância. Neste gênero literário o tempo não deixa traços de envelhecimento ou amadurecimento; a passagem do tempo não gera modificação psíquica ou física nos personagens (BAKHTIN, 2008, p. 94). Talvez, o marcador mais presente no romance de aventura é a aleatoriedade dos eventos; as palavras “de repente” “no momento em que” dão à trama característica de destino, intervenção divina ou acaso. Esta caracterização nos mostra também um modo de escrever a vida e os eventos em determinada época, para além da literatura; a vida na espera do acaso. Mostra-nos um modo de criação concretizada, da consciência de uma época, ou pelo menos, o que era lido em determinado tempo e se perpetua até hoje.

Outro estilo de texto literário analisado por Bakhtin (2008) foi a autobiografia, que surgiu em outro momento histórico, segundo ele, com as *Confissões* de santo Agostinho. A característica autobiográfica se revelou na medida em as *Confissões* foi endereçada para um público; ou pelo menos, foi concebida pensando no público. Trata-se de confissões em voz alta (BAKHTIN, 2008, p. 131). Na interpretação de Holquist (1994) acerca dos estilos autobiográfico e biográfico, observa-se que, na autobiografia se estreia a literatura do singular. Nela há intimidade histórica e narrativa de si, consigo mesmo. Na biografia existe um sujeito sem “si mesmo”, sem a condição de existência; o personagem assume um “Eu superficial”. Na condição de biografia o personagem é um “Eu” sem demarcação cognitiva específica; ele não define sua diferenciação exata de quem ele é (HOLQUIST, 1994, p. 125). Nesse pensamento, o cronótopo público define a diferença narrativa entre o autobiográfico, falar de si e o biográfico, falar do outro (HOLQUIST, 1994, p. 125). O sujeito que toma a história da vida de outros como objeto de sua narrativa (biografia) e o sujeito enquanto objeto de sua própria narrativa (autobiografia). Parece que a diferença básica, entre a biografia e a autobiografia é que na autobiografia, a vida pública do sujeito dá lugar à vida privada; deixa de ser a narrativa do que ele faz e como faz para ser o enredo do onde estou e o que sou. Para Bakhtin (2008), essa diferença caracterizou o início da literatura da solidão e da tristeza. Então, seguindo esse raciocínio, ele falou que a autobiografia surgiu como uma possibilidade de literatura do silêncio, do não dito e da invisibilidade social do discurso (as interações sociais não verbalizadas).

Essa forma de compor o texto tornou o cronótopo ainda mais fluido, pois, um olhar para o texto informava não apenas o tempo na obra de arte, mas traduzia a possibilidade de capturar uma experiência do tempo no texto. Para Bakhtin (2008) à medida que o cronótopo adentrou no universo discursivo da literatura intimista, tornou-se mais árdua a tarefa de delimitar a experiência espaço-temporal na literatura.

Considera-se ser esse momento apropriado para se retomar o objetivo maior desse ensaio, que é a construção de argumentos que denotem o potencial da literatura para prover metáforas passíveis de ser aplicadas à vida. Esse objetivo levou a expectativa da escolha de

um texto literário que, ao ser analisado, ilustrasse a emergência de processos onde se configure a história, na sua dimensão ontológica, formatada na experiência da unidade espaço-tempo. Características de *O Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa, levantaram suspeitas sobre sua apropriação para esse estudo exploratório. A justificativa para essa suspeita, assim como a descrição dessas características serão discutidas a seguir, na medida em que se desenvolve referido estudo exploratório.

Por que o *Livro do Desassossego*?

Esta é uma pergunta que, imagina-se, será certamente feita pelo leitor deste ensaio. *O Livro do Desassossego* é uma obra não concluída. Bernardo Soares, personagem dessa obra foi considerado por Fernando Pessoa como um semi-heterônimo autônomo. Isto que dizer que ele não era uma faceta de sua personalidade, nem era ele por inteiro. Era ele mutilado; um recorte de sua personalidade inteira. O livro se desenrola através do narrador não exclusivo, Bernardo Soares que, como numa colagem do dia-a-dia, mostra suas confissões, angústias, amores, desamores e, em especial, sua experiência de “não” existir para o mundo.

Trata-se, portanto, de uma obra do gênero romance em prosa autobiográfica com características de um texto intimista. Na descrição de Bakhtin (2008) existe na autobiografia uma unidade no sujeito tentando se diferenciar; um sujeito não falando de conquistas, mas narrando e produzindo sentidos ainda no enredo e na narrativa do cotidiano que vive. Fernando Pessoa escreve uma história sem tramas, mas com manifestações do encontro e da estranheza com o “interno”, fazendo assim uma literatura ainda mais humana, ou pelo menos, desse humano mergulhado em intimidades particulares. O enredo é completamente psicológico. Na obra o sofrimento “íntimo” e a melancolia surgem como desencadeadores das motivações literárias. Todavia, uma pergunta é pertinente: Fernando Pessoa escreve uma biografia ou se trata da autobiografia de Bernardo Soares? Pontuando essa questão, Fernando Pessoa descreve seu livro como “uma autobiografia sem fatos” (Fernando Pessoa, 2006, p. 50). A esse respeito, retomam-se considerações de Bakhtin (2008) que chamam a atenção para as dificuldades da análise de cronótopo numa literatura intimista, tal como se concebe ser *O Livro do Desassossego*. Por essa razão, acredita-se que essa análise potencializará a discussão acerca da relação entre a configuração cronotópica e a competência de uma obra literária para prover metáforas para vida real, visto ser esse o objetivo deste ensaio.

A configuração cronotópica do *Livro do Desassossego*

Desafiando as dificuldades provocadas pela qualidade intimista deste texto, capturou-se a configuração do cronótopo em alguns trechos selecionados do livro. Observou-se então o alto grau de abstração que o intertexto da “autobiografia sem fatos” conduz. Por abstração

marca-se que no uso das palavras e sentenças o autor não assegura uma relação de referência definida. Isto é, a significação para seus elementos linguísticos está longe de poder ser esclarecida, por exemplo, com o uso de dicionários. Todavia, conferiu-se que a experiência do conflito cotidiano, que foi a sua vida, seria a referência possível. Formatando essa referência numa organização particular de elementos linguísticos o autor possibilitou como intertextualidade, uma leitura emocionada. Isto é, o conflito do protagonista quase ultrapassa o livro. Isto é fascinante nesta obra e pode ser ilustrado com o trecho 1: “Chove, chove, chove... Chove *constantemente*, gemedoramente; Meu corpo treme-me a alma de frio... Não um frio que há no *espaço*, mas um frio que há em ver a chuva.” (Fernando Pessoa, p. 299; grifo nosso).

Marca-se com as situações grifadas no trecho 1, que a unidade entre tempo e espaço, isto é, o cronótopo, é constitutivo da intertextualidade com Fernando Pessoa. No trecho 1, para referenciar seu conflito existencial, observa-se a indicação da modalidade temporal *constantemente* para chover complementar-se na não existência do *espaço* para o frio.

A experiência de limites com o formalismo linguístico

A leitura emocionada que se ilustra com trecho 1, reflete uma característica que perpassa por toda intertextualidade promovida na apreciação de *O Livro do Desassossego*: A experiência de limites impostos pelo formalismo linguístico. Recorrências aos neologismos, um exemplo por excelência, surgiram como recurso diante dos limites desse formalismo. Também, o uso de confronto entre antagônicos linguísticos, e o apelo por um ideal de totalidade, revelaram-se como marcas peculiares da configuração cronotópica traduzida na experiência de conflito característica da intertextualidade com Fernando Pessoa. Além disso, o frequente apelo por um ideal de totalidade deixa como marca dessa intertextualidade a abertura para a diversidade de possibilidades na definição das referências do autor e sua personagem. Todavia, antecipa-se aqui que a configuração cronotópica, destacada nos trechos que serão discutidos aqui, é condição fundamental para que essa diversidade não dilua a caracterização do conflito que o autor busca referenciar.

O trecho 2, poderá apoiar a compreensão do que se traduz aqui como o apelo por um ideal de totalidade a partir da emergência de situações antagônicas: “... Afinal deste *dia fica* o que de *ontem ficou* e *ficará de amanhã*: a ânsia insaciável e inúmera de *ser sempre o mesmo e outro*.” (ibid. p. 324; grifo nosso). Nesse trecho a relação entre os marcadores temporais, “dia, ontem e amanhã” e o verbo ficar demarca o cronótopo. Isto porque, a ação de ficar implica uma localização no espaço. Quem ou, o quê que fica, fará isto em algum lugar. Acredita-se que a relação entre os marcadores temporais e o indicativo da espacialidade no uso do verbo ficar, seja fundamental para que uma relação antagônica sustentada

na associação dos termos “o mesmo” e “outro” não inviabilize um sentido na intertextualidade.

Situação semelhante é configurada no trecho 3: “Como *avancei para o que já era?* Como *me conheci hoje* o que *me desconheci ontem?* E tudo se me confunde *num labirinto onde*, comigo, me extravio de mim” (FERNANDO PESSOA, *O Livro do Desassossego*, p. 221; grifo nosso). Neste trecho 3, o verbo *avancar*, que tem o significado conhecido no dicionário de movimento para frente, está associado a conjugação de um verbo no passado “para o que já era”; da mesma forma o autor faz com os verbos conhecer e desconhecer. Acredita-se que, para a organização da sua experiência psicológica, o autor apoiou o apelo por uma experiência de totalidade com palavra, na configuração cronotópica. No trecho 3, confere-se a configuração cronotópica a partir da relação entre os marcadores temporais, *hoje* e *ontem*, e o lugar onde o autor (ou protagonista) se extravai, *num labirinto*. Assim, ao unir espaço-tempo, a experiência de conflito que o autor quer referenciar encontra uma possibilidade de sentido.

Viver em fronteiras: A emergência de Self como necessidade cognitiva de posicionar-se

Prosseguindo na caracterização do cronótopo em *O Livro do Desassossego*, destacou-se outro efeito dos limites do formalismo linguístico também relacionado com os aspectos já mencionados. Em diferentes situações o autor parece querer referir-se a sua experiência de viver em fronteiras: Entre o interno e o externo, entre o físico e o imaterial, durante o presente, passado e futuro ou reconhecendo-se localizado num lugar e ao mesmo tempo, como não existente. No trecho 2, por exemplo, o autor pareceu posicionar-se no momento da transição entre o hoje e o ontem e na identidade (conhecida) frente a inovação (não conhecida). De forma semelhante, a experiência de viver em fronteiras pode ser marcada no trecho 3, quando o autor sugere a possibilidade de se avançar para traz.

Essa experiência de viver em fronteiras pressupõe uma necessidade de posicionamento em ação. Em outras palavras, pressupõe um movimento de agenciamento do indivíduo. O indivíduo se constitui como uma necessidade cognitiva na medida em que, no exercício da linguagem, define posições dinâmicas, no conflito característico da experiência de ambiguidade. Nos trechos analisados o autor-personagem define posições ao experimentar-se, por exemplo, diferente, sendo o mesmo; ao avançar, para momentos já vividos; ao esperar um futuro, já vivido. Na experiência da ambiguidade emerge a necessidade de definir um posicionamento, mesmo que com características transicionais. Este posicionamento tem-se traduzido aqui como, emergência de *self* como necessidade cognitiva. A necessidade cognitiva de posicionamento mobiliza a tentativa de diferenciação entre o *self* e um predicado possível. A fusão, a experiência de fronteiras, está presente, motivando a diferenciação.

A experiência cronotópica na interdependência entre autor, personagem e leitor: A narratividade

Na literatura, experimenta-se a vida na narrativa. A narrativa pressupõe ações do falante organizando a sua experiência no espaço e no tempo, e do ouvinte (leitor), ratificando essa experiência. A atenção para propriedades da narrativa remonta fundamentos que colocam a linguagem como aspecto central nas discussões acerca do desenvolvimento humano. Lideram a apresentação desses fundamentos, Vygotsky e Bakhtin. Bruner (1991) explorou a concepção da narrativa enquanto fenômeno vivo. Para ele, a vida imita a narrativa e a narrativa imita a vida. Através da configuração dos conteúdos do enredo, experimentam-se os mesmos processos da vida; por outro lado, vive-se narrativamente. O trecho 5 pode ilustrar essas observações:

(...) É esta a minha moral, a minha alma ou o eu: *Transeunte de tudo* - até de minha própria alma, não pertencço a nada, não desejo nada, não sou nada - centro abstracto de sensações impessoais, espelho caído sentiente *virado para a variedade do mundo*. Com isto, não sei se sou feliz ou infeliz, nem me importa. (FERNANDO PESSOA, *O Livro do Desassossego*, p. 218; grifo nosso).

Na leitura desse trecho, observa-se que o autor-personagem disponibilizou elementos linguísticos à narratividade característica de sua experiência de fronteiras. Nas expressões, por exemplo, “transeunte de tudo” e “virado para a variedade do mundo” ele definitivamente compromete-se com a transitoriedade e com a imprecisão de limites que imprime sua experiência de *self*. Nessas condições, o posicionamento, cognitivamente necessário para existência do *self*, é propriedade da narratividade e, por conseguinte, revela-se nas três dimensões: Do autor, do personagem e do leitor. Com isto se quer relevar as implicações do viver na fronteiras, característica do texto intimista de Fernando Pessoa, para a narratividade. O texto intimista de Fernando Pessoa não é propriedade apenas de quem fala. Ele intima também o leitor, que diante das situações difusas pela ambiguidade das fronteiras vividas pelo personagem-autor, assume, como recurso, a analogia com a própria vida.

Com estas observações chama-se a atenção para o papel fundamental da configuração cronotópica, isto é da unidade espaço-tempo, para que um texto, embora com as peculiaridades da intimidade do autor, revele-se pertinente também às experiências de vida de um leitor. Não capturado o cronótopo, sugere-se que a compreensão do enredo, isto é, da experiência ontológica do autor poderia não ser atualizada pelo leitor. É a configuração cronotópica que vincula o mundo do autor ao mundo do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciou-se este ensaio com o propósito de discutir, as razões para o potencial da literatura para prover metáforas passíveis de ser adotadas na vida real e por outro

lado, o porquê da psicologia ter se servido tão frequentemente dos mitos despertados na literatura. No caminho dessa discussão, elegeu-se a concepção de cronótopo, explorada na obra de Bakhtin, como parâmetro necessário para o mergulho nessas questões.

Foi revelado, durante a análise de trechos do romance de Fernando Pessoa desenvolvida neste ensaio, que o conflito existencial do autor-personagem, expresso através de recorrentes neologismos, confrontos de situações antagônicas, apelos por uma experiência de totalidade e posicionamento do *self* em fronteiras, não seria compreendido, não fosse capturada a sua experiência cronotópica. Através de diferentes exemplos, foi demonstrado que, comportar as experiências de conflito na unidade espaço-tempo foi recurso necessário para assegurar, por um lado, a significação das ideias do autor-personagem, e por outro, possibilitar que o leitor fomentasse analogias entre a obra literária e sua própria vida.

Finalmente, as informações construídas neste ensaio, ao revelar como função do cronótopo, a organização de experiências psicológicas constituídas na narratividade, ascendem uma expectativa em prol da aplicação desse construto às pesquisas na psicologia. Isto é, as considerações acerca da configuração cronotópica sugerem a sua apropriação como parâmetro para a análise da narratividade tal como se revela em situações fora da obra literária. Essa possibilidade deverá ser objeto de investigação futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Bakhtin, M. (2006). Discourse in the Novel. In Bakhtin, M. (2006). *The Dialogic Imagination*. (cap. 3 pp. 259-422, Caryl Emerson e Michael Holquist, Trad.) Austin: University of Texas.
2. Bakhtin, M. (2003). *Estética da Criação Verbal*. (P. Bezerra, Trad. 4ª Ed.) São Paulo: Martin Fontes.
3. Bakhtin, M. & Volochinov, V. N. (2009). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (13ª Ed.) São Paulo: Hucitec.
4. Bruner, J. (1991). The narrative construction of reality, *Critical Inquiry*, 18, 1-21.
5. Holquist, M. (1994). *Dialogism: Bakhtin and His World*. London and New York: Routledge.
6. Machado de Assis, J. (1998) *O Alienista*. São Paulo: Editora Ática.
7. Pessoa, F. (2006). *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. (Richard Zenith Org.) São Paulo: Companhia das Letras.
8. Vygotsky, L. S. (2000). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. (P. Bezerra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes
9. Vygotsky, L. S. (1999). *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. (P. Bezerra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
10. Vygotsky, L. S. (2001). *Psicologia da Arte*. (P. Bezerra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.